

ALMADA

PESSOAS / CULTURA / TERRITÓRIO / DESPORTO

NÚMERO 14 | MAIO 2022

Casas Municipais da Juventude

LIBERDADE PARA CRIAR

ESTUÁRIO COLECTIVO

Em Cacilhas, um grupo de vizinhos e amigos está a devolver a rua às crianças e a construir comunidade

A MARGEM CERTA DE NUNO SARAIVA

A infância e juventude do ilustrador e autor de BD pelas ruas de Almada



Num bairro de Cacilhas, crianças reconquistam a rua depois de intervenções do grupo Estuário Colectivo

Índice

- | | |
|--|--|
| <p>3 EDITORIAL
Mensagem de Inês de Medeiros</p> <p>4 EM ARQUIVO
Cristo Rei, Monumento Nacional</p> <p>6 DISCURSO DIRETO
Estuário Colectivo: Trabalhar o espaço público, criando comunidade</p> <p>12 EM FOCO
Geração, uma orquestra no bairro</p> <p>14 ZOOM
Casas Municipais da Juventude: Liberdade para criar</p> <p>20 RADAR
Fratellini
Um projecto solidário, com gelados que nos aquecem</p> | <p>22 EM ANÁLISE
Comunidade escolar: Abraçar e integrar os que chegam da guerra</p> <p>24 ACONTECE
Corre mundos
Entrevista Diogo Piçarra
Caparica Surf Fest
Festa do Cinema Italiano</p> <p>31 O MEU BAIRRO
Almada e o olhar de cinco jovens</p> <p>32 ALMADA EM MIM
A História nas histórias do ilustrador e autor de BD Nuno Saraiva</p> |
|--|--|

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Almada
| Departamento de Comunicação
Diretora: Inês de Medeiros
Diretora-Adjunta: Raquel Antunes
Coordenação: Sara Dias
Consultor Editorial: Paulo Tavares
Editor de Fotografia: Luis Filipe Catarino
Redação: Charlene Izaque, Joana Mendes, Margarida Leal, Sandra Gomes e Inês Lopes
Fotografia: Anabela Luis, Carlos Valadas, Florbela Salgueiro, Pedro Guedes e Victor Mendes

Paginação: Susana Tormenta
Impressão e distribuição: To spend with you
Tiragem: 120.000
Periodicidade: Mensal
Distribuição: Gratuita
ISSN: 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º 1b).
Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

CONTACTOS ÚTEIS:

Geral
Tel.: 212 724 000
Gabinete de Atendimento Municipal
Linha Verde Almada Informa - 800 206 770
E-mail: almadainforma@cm-almada.pt
Site: cm-almada.pt

f @ /cmlmada

CMA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Editorial

*Dakuiú**

Este mês começo por um agradecimento e uma nota de imenso orgulho nesta nossa comunidade. A resposta de Almada à crise humanitária na Ucrânia está a ser, a todos os títulos, excepcional. Obrigado.

Para lá do trabalho desenvolvido pela autarquia, em coordenação estreita com os mecanismos de apoio definidos pelo Governo, senti nos últimos dois meses uma sociedade civil viva, mobilizada e, sobretudo, solidária.

A forma como os almadenses têm dado resposta a esta crise, com doações e trabalho voluntário numa primeira fase e, nas últimas semanas, no acolhimento de perto de 700 refugiados, demonstra que "território de muitos" não é apenas uma frase vazia ou uma criação de marketing político.

Almada está a ser - como sempre foi - um porto de abrigo. Confrontada com os efeitos de uma guerra sem sentido, a nossa comunidade soube adaptar-se e transformar-se num verdadeiro porto seguro para centenas dos que conseguiram escapar à brutalidade da invasão russa da Ucrânia.

Nestas páginas podemos ler nomes de cidades que passaram a fazer parte do nosso léxico diário, pelas piores das razões. Kharkiv, Zaporizhya ou Bucha são palavras que passámos a associar a dor, terror, violência e morte. É dessas cidades e campos de medo que nos têm chegado jovens e crianças, todos já plenamente integrados nas nossas escolas. Acolhidos e acarinhados por colegas e professores, em poucas semanas muitos começam já a dominar o português, com a voragem de quem luta por reconquistar um normal

perdido e sarar feridas invisíveis. Podemos e devemos orgulhar-nos da resposta que, em conjunto, estamos a dar a esta crise. Mas, devemos também esperar que os jovens que hoje acolhemos criem ligações duradouras, laços afectivos e emocionais com este território, e que o guardem sempre na sua memória.

Em maio celebramos a plenitude da primavera e os sonhos e impossíveis que cabem em cada jovem. Também aí, sei que estamos a construir, em conjunto, uma comunidade viva, inquieta e criativa. Os projectos de reabilitação urbana comunitária do Estuário Colectivo, em Cacilhas, onde um grupo de vizinhos e amigos tem feito importantes intervenções no espaço público, criando laços onde antes havia indiferença e devolvendo a rua às crianças, são um dos exemplos.

O sucesso com que as nossas Casas Municipais da Juventude - o Ponto de Encontro e a Casa Amarela, como é conhecido o Centro Cultural Juvenil de Santo Amaro, no Laranjeiro - têm sido intensamente usadas, como espaços de criação artística, inovação e experimentalismo, é outro dos testemunhos de uma cidade viva e jovem. Ou, ainda, a forma como o projecto "Corre-Mundos" vai juntar cerca de 20 elementos, de Cabo-Verde, Venezuela, Brasil, Portugal, Angola e Guiné-Bissau, entre os 14 e os 70 anos, para partilharem em palco as histórias e os laços culturais que os unem. São sinais de que estamos a construir, juntos, um concelho inclusivo, multicultural e solidário.

São revoluções calmas e silenciosas que, se estivermos bem atentos, podemos escutar em muitos recantos



da nossa cidade e do nosso concelho. A certeza deste rumo mede-se numa comunidade jovem cada vez mais sensível às questões ambientais e com comportamentos cada vez mais conscientes em relação à ameaça das alterações climáticas. No fundo, uma geração que vai certamente apontar-nos, a todos, caminhos que são uma garantia de futuro.

Mas, houve por estes dias em Almada momentos de absoluta magia que emocionam e convocam-nos a valorizar os prazeres simples da vida. Muitas das crianças e jovens que chegaram vindos da Ucrânia, ainda com os sentidos esmagados por sons e imagens de guerra e destruição, encararam pela primeira vez, nas praias da Costa da Caparica, a imensidão do oceano. Sentir a areia quente sob os pés descalços, inspirar a maresia e dar um primeiro mergulho no mar é um momento que, estou certa, os vai marcar e ligar para sempre a Almada.

* - Obrigado, em ucraniano

INÊS DE MEDEIROS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA



LEGENDAS:

1 - Na construção do monumento a Cristo Rei – cujo lançamento da primeira pedra aconteceu em dezembro de 1949, embora os trabalhos das fundações só tenham iniciado em 1952 – foram utilizadas cerca de 40 mil toneladas de betão armado.

©Santuário Nacional de Cristo Rei

2 - A imagem de Cristo Rei foi construída na própria estrutura, utilizando-se para o efeito moldes de gesso, preparados previamente a partir da maquete do escultor Francisco Franco que viria a falecer em 1955, antes da inauguração. Depois de construído, foi esculpido à mão num trabalho de minúcia, desenvolvido a mais de cem metros do chão.

©Santuário Nacional de Cristo Rei

3 - Na missa campal celebrada aquando da inauguração (1959), o então Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira – mentor da ideia de construir um monumento a Cristo Rei em frente a Lisboa – afirmou: “Este será sempre um sinal de Gratidão Nacional pelo dom da Paz”, uma alusão ao fim da II Guerra Mundial e à neutralidade que Portugal manteve durante a mesma.

©Santuário Nacional de Cristo Rei

4 - Inauguração do monumento a Cristo Rei a 17 de maio de 1959 (Dia de Pentecostes) perante a imagem de Nossa Senhora de Fátima, com a participação de todo o Episcopado Português, os Cardeais do Rio de Janeiro e de Lourenço Marques (Maputo), autoridades civis e de 300 mil pessoas.

©Santuário Nacional de Cristo Rei

5 - A obra foi realizada durante a década de 50 do século XX através de um sistema de cofragem especial em que o andaime era a própria estrutura, recebendo o betão, nos quais se via crescer o pedestal da imagem de Cristo Rei, camada após camada.

©Santuário Nacional de Cristo Rei



CRISTO REI

MONUMENTO NACIONAL

Inaugurado a 17 de maio de 1959, o monumento a Cristo Rei é indissociável da imagem de Almada e um dos símbolos do turismo religioso mais emblemáticos do nosso país. Na construção desta obra de engenharia única – inspirada no Cristo Redentor do Corcovado, no Rio de Janeiro – foram utilizadas cerca de 40 mil toneladas de betão. A escultura de Cristo Rei, da autoria do artista

plástico madeirense Francisco Franco, ergue-se sobre quatro pilares – que simbolizam os pontos cardeais – perfazendo no total 113 metros de altura. Com uma vista panorâmica ímpar a partir do terraço que circunda a estátua de Cristo Rei e que permite contemplar as duas margens do Tejo, volvidas mais de seis décadas o Cristo Rei continua a ser um dos monumentos mais visitados em Portugal.



Luis Filipe Catarino

Crianças brincam no parque infantil - uma das conquistas do Estuário Colectivo. Ao centro, dois equipamentos nobres do jardim: a parede musical e a biblioteca



**ESTUÁRIO
COLECTIVO**

**TRABALHAR O
ESPAÇO PÚBLICO, CRIANDO
COMUNIDADE**

Texto de Paulo Tavares
Fotografia de Fernando Costa,
Luís Filipe Catarino e Rebeca Rodrigues

Há uma revolução em marcha no espaço público à volta de uma rua de Cacilhas. Um grupo de vizinhos e amigos, com algum apoio da união de freguesias, mas sobretudo com recursos e trabalho próprios, está a devolver a rua a crianças e adultos. De caminho, está a crescer ali um raro sentido de comunidade.

É uma rua como tantas outras. Prédios altos de 10 andares, varandas e marquises típicas da construção dos anos 1970, uma fila de árvores ao meio e carros a dormir apertados numa noite de semana em que, antes da conversa começar, só o vento se ouvia, só o vento mandava.

Mas, por mais incharacterística que seja, a rua António Nobre tem gente dentro e uma vontade de mudança visível em recantos escondidos. O pórtico da Lisnave, visível no escuro da noite para quem se chegue ao topo sul da rua, anuncia o Tejo e um imenso estuário ali à beira. E é esse o nome de baptismo da tal vontade de mudança - Estuário Colectivo.

Combinámos encontro às dez da noite, porque "todos têm miúdos e a essa hora já estão na cama". Depois de uma volta pela rua, uma mensagem avisou-me de que Diogo Salvador já por ali estava, mais precisamente na esplanada da barbearia/bar "Os Bárbaros". Havia de explicar, mais adiante, a origem do nome. "Quando estávamos ali no estúdio, a preparar a proposta do mural, olhámos pela janela e tínhamos a baía do estuário toda... que nos lembrou que estamos em cima de um estuário. Tudo isto era



Fernando Gonçalves prepara o terreno do jardim

uma praia, nada disto existia. Da Cova da Piedade até aqui está tudo sobre a água."

Há uns anos, tal como os blocos de apartamentos, também o espaço público ali à roda era incharacterístico e desaproveitado. Nas traseiras de uma das correntezas de prédios havia um campo de jogos, um patamar elevado com ervas que servia de casa de banho aos cães da vizinhança e pouco mais.

Diogo Salvador, gestor de projectos e analista de sistemas TI, descreve o que havia, ou melhor, o que faltava. "Só tinha o campo de futebol, que estava meio

degradado. Aliás, foi uma das primeiras coisas que pedimos - a reparação dos equipamentos existentes. Isto estava muito abandonado, mas também não havia crianças. Isto era um descampado, onde os cães vinham fazer as necessidades. Os donos ficaram muito tristes por perder esse espaço."

Mas, os espaços são feitos mais de pessoas do que de betão e foi esse cenário inosso, e a chegada de crianças, que serviu de ignição à vontade de fazer coisas, de mudar e moldar a paisagem urbana daquele recanto de cidade. "O mote principal foram os miúdos",



© Luís Filipe Catarino



A biblioteca é um dos sítios mais concorridos. João Tempera lê um conto a uma plateia atenta (à direita)



conta Diogo Salvador, "quando nasceu o primeiro, estávamos ali no café a comentar que era giro haver aqui um parque infantil. Depois, quando nasceu a segunda, a Margarida, continuava sem haver nada, este espaço era um ermo. Foi aí que decidimos juntar-nos, eu e o Pedro, e escrever uma carta a pedir um parque infantil, que acabou por ser construído."

No princípio, foi o parque infantil. "Depois veio o desafio do mural. Juntamo-nos ao Manel, ao Vasco e ao Tiago, para fazer a proposta à união de freguesias. Eles aprovaram e fizemos a pintura do mural." Diogo Salvador garante que as relações com o poder local não podiam ser melhores. "Não temos tido qualquer resistência ou animosidade, porque como apresentamos as coisas numa perspectiva positiva, é bom para todos, ganhamos todos. Quando começámos ainda a câmara era da CDU, entretanto houve alteração para o PS. Aqui a união de freguesias manteve-se na CDU e nas últimas eleições passou para o PS, mas as relações têm sido sempre normais e super cordiais."

Parque infantil, campo de jogos, mural e um jardim. O tal descampado que era o WC preferido dos cães da vizinhança, com apenas quatro árvores, passou por uma enorme transformação. Vamos atravessando o jardim, enquanto Diogo Salvador apresenta árvores e plantas. "Temos aqui um boldo, uma mangueira, um

loureiro, malmequeres, uma figueira, uma macieira, uma oliveira, ali uma romãzeira, aqui umas aromáticas, ainda meio tímidas, temos umas palmeiras... estamos a diversificar ao máximo e a ideia é ter o mínimo de espaço disponível, ocupar tudo para isto ficar o mais selvagem possível e os animais poderem vir para aqui e estarem o mais à vontade possível."

"As pessoas foram-se juntando aqui, fomos falando cada vez mais e os projectos foram nascendo dessas conversas"

Estava criado mais um ponto de encontro, "para onde os miúdos começaram a vir brincar. E isso é muito importante, porque levantam uma pedra ou afastam umas plantas e vêem uma série de insectos e de coisas que antigamente não viam". Como uma frágil teia que suporta uma revolução, começou a nascer ali, naquela rua como tantas outras de Cacilhas, um sentido de comunidade. Diogo entusiasma-se ao relatar as conquistas e os elos que foram sendo forjados. "As pessoas foram-se juntando aqui, fomos falando cada vez mais e os projectos foram nascendo dessas conversas. Já aqui fizemos quatro concertos, dois ali no ringue e dois aqui no jardim."

As festas e o barulho incomodam alguns vizinhos? Sim, mas o regresso dos risos e

da gritaria dos miúdos pesam mais que o incómodo. "A maioria das pessoas reagiu bem, a população mais idosa até ficou muito sentida, a verem crianças na rua e a confusão que os miúdos fazem a brincar. O riso das crianças é uma coisa que eles já não conheciam e que reconquistaram."

Como a vida é feita de pequenos nada e de acasos, neste estuário acabaram por desaguar amizades e cumplicidades antigas. "Alguns que vivem agora aqui já se conheciam desde sempre. Vivíamos no Miratejo e andámos na mesma escola. Isso facilitou bastante a confiança que é precisa para criar um projecto destes." Diogo Salvador, já de volta à esplanada de "Os Bárbaros", reforça que o "ponto de partida foi a ideia de tornar o espaço agradável para crianças, porque os nossos miúdos iam crescer aqui".

A pandemia e os confinamentos acabaram por servir de catalisador a ideias e projectos, sobretudo pela vontade de devolver a rua aos miúdos. Mas, como se financia uma torrente de ideias como esta? Diogo Salvador conta que "cada projecto tem tido o seu modelo de financiamento próprio. Cada um tem um início e um fim bem delimitado e com objectivos bem definidos. O mural foi patrocinado pela União de Freguesias e o parque infantil também. Ali na rampa de skate já foi completamente diferente. Foi um investimento muito maior. Organizámos amigos para vir ajudar e,

quem vem trabalhar acaba por financiar com o almoço, porque vendemos bifanas e cerveja. Com isso financiamos os materiais".

A conversa foi fluído e foram chegando amigos. David Rato, que àquela hora já tinha trocado o skate pelo Ollie Flip, um curioso e simpático cachorro Dahcshund, junta-se à conversa para responder ao tema do financiamento. No caso da mini rampa de skate (um mini *halfpipe* construído com base na experiência acumulada da turma do Betordiespot com Rómulo Pereira ao leme), David conta que "foi churrascada após churrascada e fomos juntando. Foi estar a cozinhar e a seguir comprar as próprias bifanas, que tínhamos estado a cozinhar e, com a margem de lucro, comprar os materiais. Com uma independência total. Tivemos um apoio da loja Sample, que ofereceu um skate, que rifámos, mas foi um apoio pontual. Tirando isso, foi tudo comunidade, tudo comunidade".

David Rato, fotógrafo e produtor de exposições de arte contemporânea, sobe o entusiasmo quando conta que conseguiu juntar "os dois miúdos - uma filha de 4 anos e um filho de 21 -, a minha mulher e a minha mãe, com 64 anos. Todos a fazer cimento e a construir rampas de skate. Não é pouco... Isto é betão armado, há ali por



Rómulo Pereira alisa o betão na mini rampa de skate

baixo uma estrutura de ferro, os miúdos participaram nisso tudo. A construção da rampa e a limpeza do espaço tiveram a participação das crianças todas. Aprenderam a fazer massa, a assentar tijolos..." Diogo Salvador insiste num sublinhado, contando que os miúdos "andaram a construir paredes, literalmente. Participaram, aprenderam

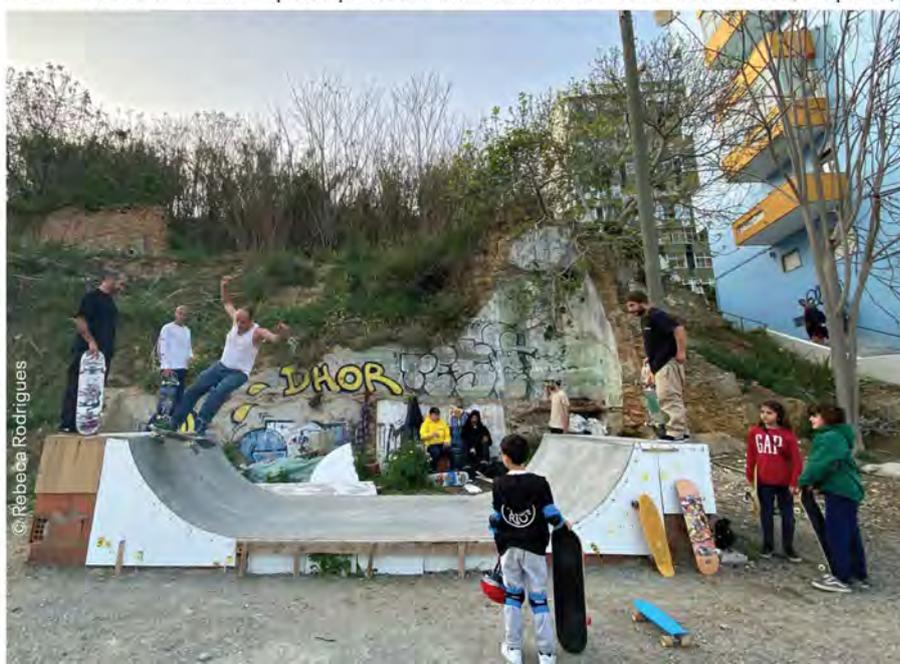
"Os miúdos andaram a construir paredes! Participaram, aprenderam e esperamos que, quando estiverem no nosso lugar, construam também bibliotecas e jardins"

e esperamos nós que, quando estiverem eles no nosso lugar, construam também bibliotecas e jardins".

A construção de um sentido de comunidade, algo que está demasiado longe e que pode parecer inalcançável nos sítios onde vivemos e numa sociedade cada vez mais individualista, exige tempo e dedicação. No jardim, por exemplo, há uma parede musical que teve um único financiador. Diogo Salvador conta que "foi o Miguel Campos, que é professor de música. Foi um investimento que foi dele. Há aqui muita coisa que são as próprias pessoas que dão. Como é para nós, para melhorar o espaço comum, achamos que faz sentido".



Primeiros testes numa mini rampa em que todos trabalharam. Até os miúdos fizeram massa (à esquerda)





O Colectivo ou boa parte dele: João Duarte, Paulo Fraga, Ana Rodrigues, Fernando Costa, Tiago Hesp, Diogo Salvador, Vasco Maio, David Rato e Manuel Alma. Imagens projectadas a partir de uma varanda na noite de 24 para 25 de abril (à direita).



Descemos as escadas que vão até ao nível do rio, até perto do quartel dos Bombeiros Voluntários de Cacilhas, e David Rato explica que aquele espaço, onde já roubaram metros quadrados a um parque de estacionamento improvisado, terá de ser algo maior. "Gostávamos de pensar nas coisas de uma forma aberta, de ir vendo o que é que as pessoas querem, o que é que se proporciona e criar espaço que permita aos miúdos andar de bicicleta, com os pais ali por perto a jogar às cartas ou a petiscar qualquer coisa, passarmos filmes na parede, concertos em cima do telhado... é habitar o espaço e ir

construindo. É claro que o skate e a jardinagem têm sido os motores."

David explica que este é um "um sítio difícil. Há aqui uma corrente de ar, é muito ventoso e o lixo acaba por vir todo parar aqui. Aqui em baixo, na rampa, é muito mais calmo. É mais exposto ao sol, tem menos vento, mas mesmo assim é um sítio difícil, onde o lixo não para de chegar, portanto temos sempre aqui muito trabalho. É difícil manter isto e tem sido a comunidade a tentar... e as ervas daninhas crescem com uma força!" Perante a exclamação, Diogo apressou-se a contradizer, "não há ervas daninhas,

há é plantas que as pessoas não sabem o nome..."

A noite havia de prolongar-se, feita de muita conversa e de ideias para espaços que o Estuário Colectivo quer partilhados e plenos de vida. Estamos longe do associativismo clássico e das quotas mensais, mas presente-se ali, na rua António Nobre, uma força de mudança e de reinvenção do espaço público. Uma força aparentemente imparável, porque assente em laços de amizade e de cumplicidade. Para quem quiser ver e aprender, está aqui em Cacilhas uma espécie de manual de instruções sobre como construir uma comunidade.

Evento "Árvore", em dezembro de 2021. Em palco: Projeto Hu! composto por Bruno, Guilherme Rodrigues, Zé Maria



Texto de Margarida Leal
Fotografia de Anabela Luis

UMA ORQUESTRA NO BAIRRO



O silêncio dos corredores da Escola Básica Miradouro de Alfazina, no Monte de Caparica, é interrompido pelo gemido das cordas de violinos e violoncelos. Depois pelas notas sopradas em fagotes, trompetes e flautas.

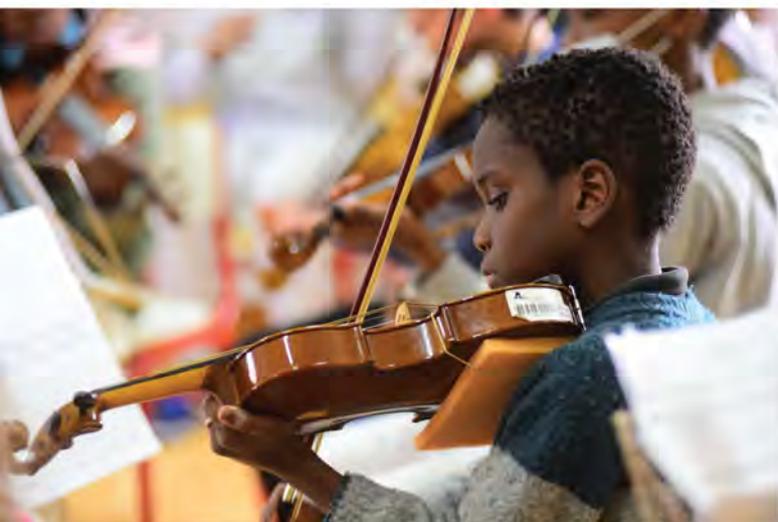
O volume aumenta à medida que as portas se abrem e chegamos ao corredor B do segundo piso. Aqui funciona um polo da Orquestra Geração, frequentado por 50 alunos do agrupamento, do 1.º ao 9.º ano de escolaridade.

Todas as semanas, duas tardes são ocupadas com aulas individuais de instrumento, de naípe, de orquestra e sessões livres, onde se estimula a criatividade.



Ao todo, estes alunos contam com 16 professores contratados pelo Conservatório Nacional, para a Orquestra Geração. Aqui acredita-se que através da música é possível combater o insucesso escolar, promover a autoestima e contribuir para a construção de projetos de vida dos alunos.

Foi assim com a Letícia Frederico, que cresceu num bairro social, na Amadora. "Mudou a minha trajetória profissional e deu-me um objetivo de vida". Estudou na Escola Profissional Metropolitana, passou já pelo Conservatório de Haia, na Holanda e está a concluir os estudos na Escola Superior de Música de Lisboa. O objetivo é tocar numa orquestra e dar aulas na Orquestra Geração.





No Monte, onde é auxiliar de orquestra, os alunos "têm muita energia, são contagiantes e o carinho é importante para eles. São fatores externos que os levam a ser mais agressivos", justifica Letícia. Mas há "grandes diferenças neles desde o início, especialmente depois das primeiras apresentações", assegura. Foi uma mulher do norte que agarrou este polo. Margarida Abrantes vem de Famalicão, estudou na Metropolitana de Lisboa e na Academia Nacional Superior de Orquestra. Tem pulso firme com os alunos mais velhos e os braços estendidos sempre que os mais novos se esticam para a cumprimentar. "O comportamento é o maior desafio por aqui", diz a maestra. As famílias são fundamentais. Um não faltam a um concerto, outras nunca viram os miúdos aplaudidos em palco. A mãe da Jéssica Silva assiste sempre aos concertos da filha, que gosta de ouvir funk e já sabe tocar músicas do compositor norueguês Peer Gynt no seu violoncelo. Já a Diana Caetano, futura agente do FBI, não aprecia a pressão do placo. Gosta de treinar sozinha com o seu fagote músicas que ainda nem aprendeu, como a banda sonora da Guerra das Estrelas. Na casa da Sheila Landim, que um dia será professora de educação física, ouve-se muita música. O pai não se incomoda com os ensaios de violino da filha, fã de Billie Eilish. A música favorita? Happier Than Ever.

Que sejam felizes, é o que se espera para o futuro destes 50 jovens músicos, a crescer no bairro do Pica Pau Amarelo, no Monte de Caparica.





CASAS MUNICIPAIS DA JUVENTUDE

LIBERDADE PARA CRIAR

De portas abertas há cerca de três décadas, o Ponto de Encontro, em Cacilhas, e o Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro, no Laranjeiro, dão palco às ideias e projetos dos jovens.

Texto de Sandra Gomes
Fotografia de Anabela Luis,
Carlos Valadas e Luis Filipe Catarino

«É Casa». É desta forma que muitos dos jovens descrevem o Ponto de Encontro e a Casa Amarela – como é conhecido o Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro. Dois espaços municipais onde é possível ensaiar, apresentar ou assistir a espetáculos, dar ou adquirir formação, empreender projetos, estudar ou conviver. Da música à dança, do teatro à fotografia, sem esquecer as artes plásticas. Aqui, todos têm espaço para criar e desenvolver os seus projetos.

Situado no topo de uma falésia, por cima do Cais do Ginjal, em Cacilhas, com uma vista privilegiada sobre o Tejo e Lisboa, o Ponto de Encontro está de portas abertas à comunidade jovem desde 1989. Aquela que foi a primeira Casa Municipal da Juventude no país tornou-se num espaço de criação, inovação e experimentalismo para almadenses de várias áreas. Hoje, o Ponto de Encontro respira cultura urbana, do hip hop ao graffiti que percorre as paredes do equipamento municipal. Espaço mítico para concertos, por aqui passaram bandas como os Bizarra Locomotiva, os Plástica ou os Melech

© Luis Filipe Catarino



Exposição de Arte Urbana integrada na iniciativa "Matéria Prima", no Ponto de Encontro

Mechaya, e despontaram projetos como os Da Weasel, o Teatro Extremo ou a Companhia de Dança de Almada.

Em 2019, a convite da CMA, nasce a Casa da Dança nas instalações do Ponto de Encontro – através de um protocolo criado inicialmente com o coreógrafo Paulo

Ribeiro e que se mantém atualmente com Adriana Grechi e Amaury Cacciaccaro – com o objetivo de estabelecer um centro internacional de investigação em dança dedicado à criação contemporânea.

"Crescemos com este espaço"

Ao longo de mais de três décadas de



Baque do Tejo em ensaios no Ponto de Encontro

© Anabela Luís

existência, o Ponto de Encontro acolheu várias gerações de jovens. Para Cátia Gonçalves, 31 anos, professora de dança e vice-presidente da Assim Ser – Associação Intercultural Brasileira de Portugal "é como se fosse uma segunda casa. É família". Opinião partilhada por MKL – Mau Aluno (Bruno Mendes) e DJ Fellaz (Marcelo Freire), ambos com 39 anos: "Faz parte da nossa geração.

Crescemos com este espaço. É casa e nós somos mobília", explicam com um sorriso cúmplice. "Sítio de culto", continuam a voltar ao "Ponto" – como lhe chamam – para ensaiar ou dar um concerto, como aconteceu durante o Março à Solta, uma iniciativa anual que pretende dar visibilidade ao trabalho desenvolvido por jovens e associações juvenis do concelho.

Presença assídua da Casa Municipal da Juventude há mais de 20 anos, Cátia Gonçalves continua a ensaiar neste espaço, duas vezes por semana, com o Grupo de Dança Balé Brasil de Portugal. Com apenas 7 anos, Martim é o elemento mais novo do grupo. Participa acompanhado pela mãe e a tia que lhe transmitiram o gosto pela dança e faz parte da nova geração desta "Casa da Juventude".

"Faz Acontecer - Encontro de Danças Urbanas" dinamizado por Miguel Graça, no Auditório do Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro



© Carlos Valadas

As Casas Municipais da Juventude são espaços vocacionados para associações, grupos juvenis e jovens, entre os 12 e os 35 anos, residentes, estudantes ou trabalhadores no concelho de Almada, que podem ser usufruídos sem qualquer custo.



Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro, no Laranjeiro

© Luis Filipe Catarino

Também o grupo de percussão afrobrasileira Baque do Tejo, que se dedica ao estudo da técnica do maracatu – ritmo musical originário do nordeste do Brasil –, faz ensaios semanais no Ponto de Encontro. "Aqui temos a possibilidade de ensaiar livremente. A localização do espaço também ajuda bastante, uma vez que metade do grupo reside do outro lado do rio", conta Alice Caetano, 28 anos. "A possibilidade de podermos apresentar o nosso trabalho também é muito positiva. Até agora, a única apresentação que fizemos aqui foi

no Carnaval de 2019. Entretanto veio a pandemia... Regressámos aos ensaios em agosto de 2021 e já estamos a planear atuações futuras".

Cátia Gonçalves afirma que aquele "é um espaço com muito história. Estou a tentar organizar um espetáculo com os outros grupos que aqui ensaiam para trazer mais animação e pessoas ao Ponto de Encontro, para que volte a ter mais vida".

Para Tiago Cordeiro, 35 anos, que integra o grupo Baque do Tejo e

frequenta as aulas de Capoeira, o Ponto de Encontro "é um espaço fantástico. Uma jóia deste lado do rio". E lança um convite: "venham participar nas atividades e ver o melhor pôr-do-sol deste lado do rio, com uma vista única sobre Lisboa e a Ponte 25 de Abril".

Incubadora de ideias e projetos

É no Laranjeiro que encontramos o Centro Cultural Juvenil de Santo Amaro, também conhecido por Casa Amarela. Por aqui passaram grupos circenses como a Companhia XPTO e de percussão

MKL - Mau Aluno e DJ Fellaz no Ponto de Encontro



© Anabela Luís



© Luís Filipe Catarino

As Casas Municipais da Juventude têm um programação artística regular



© Luís Filipe Catarino

Jam Sessions no Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro

como os Bangbang, ambos com impacto internacional. Registam-se ainda os múltiplos ensaios de danças africanas e de hip hop, de grupos de teatro e bandas.

"Foi aqui que comecei a dar os primeiros passos na dança", conta Miguel Graça, 26 anos, professor de dança, instrutor, bailarino, coreógrafo e empreendedor.

"Considero este espaço casa. Se hoje sou profissional nesta área é porque este espaço sempre me recebeu e permitiu que aqui fizesse os meus ensaios, alguns eventos e algumas apresentações".

"Estes espaços são muito importantes para os jovens poderem desenvolver os seus projetos, estarem ocupados e não se envolverem em problemas", justifica José Gomes Monteiro, 45 anos, um dos vocalistas dos Diáspora Roots, que atuaram nas Casa Amarela Jam Sessions,

O Ponto de Encontro e o Centro Cultural Juvenil de Santo Amaro são espaços polivalentes que permitem a realização de ensaios, formações, espetáculos e outras atividades.

iniciativa que pretende dar palco a quem queria apresentar a sua música. "São espaços muito úteis, onde podemos desenvolver várias atividades e, acima de tudo, crescer", confirma Miguel Graça.

Jobs Airport – Incubadora Juvenil de Inovação Social é um dos projetos mais recentes do Centro Cultural Juvenil de Santo Amaro. Lançado em 2021 pela Lifeshaker Associação, em parceria com a CMA, pretende desenvolver respostas inovadoras a problemas sociais, distintas



Grupo de Dança Balé Brasil de Portugal no Ponto de Encontro

das respostas tradicionais pelo seu potencial de impacto e sustentabilidade, com o objectivo de mitigar o desemprego jovem.

A funcionar desde 2000, à semelhança do Ponto de Encontro, o Centro Cultural Juvenil de Santo Amaro disponibiliza apoio técnico e logístico à comunidade juvenil de Almada através de vários recursos essenciais à produção, execução, apresentação de atividades em diversas áreas da criação artística ou da intervenção sociocultural. Ambos são também espaços



© Anabela Luis

informativos que pretendem apoiar, orientar e esclarecer os jovens na implementação dos seus projetos. As Casas Municipais da Juventude têm ainda um programa de atividades regular em várias áreas da criação artística, sociocultural e formativa: À Volta das Casas – dança, teatro, *stand-up comedy*, *workshops*, encontros de ilustração –, Plano Anual de Formação, Férias Jovens, Conselho Municipal de Juventude, Concurso Jovens Talentos e Março À Solta. Nos planos está ainda a abertura de um Gabinete de Saúde Jovem no Centro Cultural Juvenil de Santo Amaro.

CASAS MUNICIPAIS DA JUVENTUDE

HORÁRIO

Terça a Sábado*: 10h às 13h | 14h às 24h
* Encerram no primeiro sábado do mês

PONTO DE ENCONTRO

Rua Trindade Coelho, 3 – Cacilhas

ESPAÇOS DISPONÍVEIS

- Auditório
- Sala Bar
- Atelier de Fotografia
- Estúdio

MAIS INFORMAÇÕES

Tel.: 212 548 220
E-mail: juventude@cma.m-almada.pt
www.cm-almada.pt/viver/juventude

CENTRO CULTURAL E JUVENIL DE STO. AMARO

Estrada dos Álamos, 420 – Laranjeiro

ESPAÇOS DISPONÍVEIS

- Auditório
- Sala de Ensaio
- Sala de Estudo
- Estúdio
- Sala de Reuniões



FRATELLINI

GELADOS QUE AQUECEM

Texto de Margarida Leal
Fotografia de Anabela Luis

Imagine-se o cheiro do açúcar a caramelizar artesanalmente. "Faz toda a diferença no sabor", diz-nos Rita Monteiro, responsável pela comunicação dos gelados Fratellini, enquanto revela que o "caramelo salgado é o best-seller" dos 12 sabores disponíveis e apresenta Vladimir Sciabailo, o mestre geladeiro, que numa cozinha briosamente limpa faz a magia acontecer.

Hoje é dia de transformar morangos frescos num sorvete bem gelado, que seguirá diretamente para os refeitórios de dois colégios – o Campo de Flores, em Almada, e o de São Tomás, na Quinta das Conchas, em Lisboa. Será que os alunos saberão as histórias de resistência, gratidão e solidariedade que cada colherada carrega?

Fratellini significa em italiano irmãos mais novos.

E foi para ajudar os "mais novos" da Associação de Vale de Acór, uma IPSS de Almada onde há quase 30 anos se recuperam pessoas com dependências, que os gelados Fratellini nasceram. São uma empresa social criada para gerar receitas que apoiam a comunidade, atualmente com 80 utentes. Permite ainda receber quem chega ao final do programa terapêutico e precisa de um ambiente de trabalho protegido e estável, antes de ganhar autonomia. É que a realidade às vezes amarga. É mais fácil angariar apoio para pessoas idosas, deficientes, crianças, mas "a toxicodependência é o parente pobre do *fundraising*", desabafa Rita.

Por isso, quando terminou o curso em comunicação social, decidiu dedicar-se à Vale de Acór. "Alguém tinha de fazer a ponte" e adoçar a relação entre a comunidade terapêutica e as empresas e instituições, reunindo apoios para que os jovens em recuperação conseguissem pagar o programa, ganhar autonomia e iniciar um novo percurso de vida.

Chegam através das equipas de tratamento do Ministério da Saúde. O Estado paga 80% dos custos de recuperação e os restantes 20% são da responsabilidade do próprio. Mas, como "por princípio não deixamos ninguém na rua", confirma Rita, há que encontrar sustentabilidade para a recuperação das pessoas que chegam sem nada, nem mesmo com documentação.

Foi assim com Vladimir. Sim, o mestre geladeiro é a prova viva de que é possível mudar de rumo e, por isso, que é preciso apoiar quem chega e pede uma nova oportunidade para se reerguer. Chegou a Portugal em 2001, já com problemas de dependência. Entrou na comunidade de Vale de Acór em 2009 e, tal como os outros utentes, passou por um longo processo de recuperação, que incluiu a formação profissional e a integração no mercado de trabalho. Escolheu o curso de cozinha e pastelaria e apaixonou-se por esta área. Depois de o concluir, "não quis perder mais um minuto da minha vida". Trabalhou no primeiro salão de chá da Ladurée em Portugal, na requintada Avenida da Liberdade, e no famoso restaurante JNcQUOI, também em Lisboa.

Apesar do charme e da reputação de ambos os espaços, voltou à Vale de Acór para fazer nascer os gelados Fratellini. Regressou "com muito gosto" porque "ganhei muita coisa aqui". Este ucraniano, que acompanha com amargo de boca a invasão do seu país pela Rússia, não é homem de muitas palavras. Fala no essencial. Na gratidão e amizade que sente por quem lhe estendeu a mão e acreditou em si.

"Conseguí devolver parte de mim a Vale de Acór".

Foi uma das pessoas que foi a Itália, através do apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, receber formação com os mestres geladeiros da Cooperativa Giotto, em Pádua. Foram eles a batizar os gelados, que já se podem derreter na boca dos clientes de alguns restaurantes. No Muelle - Meet and Chill, em Porto Brandão, e na Quinta do Tagus, na Caparica, ou do outro lado do rio, n' O Magano, no Mano a Mano e no Izanagi.

Quem quiser repetir ou descobrir novos sabores, pode encomendar no site dos Fratellini e receber no conforto das suas casas ou levantar diretamente na loja da

cozinha, junto à rotunda da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, na Caparica. A doçura dos fratellini está também na equipa de 6 voluntários, apaixonados por este projeto de empreendedorismo social, ao qual dedicam várias horas por semana. Como a Rita, que criou a identidade da marca e o site. A Cláudia,

professora de produção alimentar e restauração da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. O Ricardo, que por cá chamam de "comandante". O Paulo, com 33 anos de experiência em agronomia. A Rosarinho, sempre disponível para deixar o computador e colocar o avental. E o Francisco que dá apoio à informática.

Degustemos, lentamente, cada pequenina colher que levamos à boca, carregada com produtos frescos, naturais e generosas doses de fraternidade, esperança e gratidão.



ENCOMENDAR
www.fratellini.pt

LEVANTAR

Almada - Cozinha Fratellini
Estrada Nac. 377-1, n.º 100, Caparica
(Junto à rotunda do Metro da FCT)
09h30 - 17h30

Lisboa - D. Ajuda - Mercado do Rato
Rua Alexandre Herculano, 66, Lisboa
13h30 - 18h30

Cascais - Cozinha com Alma
Praceta Padre Marçal da Silveira, n. 31,
Cascais
16h30 - 18h30

RECEBER EM CASA
Almada, Lisboa e Cascais
Encomendar na véspera
De terça a sexta

COMUNIDADE ESCOLAR ABRAÇAR E INTEGRAR QUEM CHEGA

Texto de Sandra Gomes
Fotografia de Vítor Mendes

Desde meados de março, dezenas de crianças e jovens estão a ser integrados nas escolas do concelho. Para trás deixaram familiares, amigos e um país em guerra. O afeto com que têm sido recebidos por toda a comunidade, o sol e o mar da nossa Costa ajudam a atenuar as saudades e as dificuldades sentidas na adaptação a esta nova realidade.



Kyрил, Mikola e o avó Kostyantín



Demid, Vlas, Nazirii, Sofya e Uliana são alguns dos jovens que frequentam a Escola Básica 2/3 da Costa da Caparica, desde abril

Chegam de várias cidades ucranianas – Kharkiv, Kiev, Zaporizhya, Bucha –, muitas delas destruídas pelas tropas russas nas últimas semanas. Apesar da barreira linguística, a integração na escola tem sido positiva. "É incrível como têm feito uma aprendizagem da língua tão rápida. Ao fim de poucas semanas já falam um conjunto significativo de palavras em português" conta Carlos Almeida, diretor do Agrupamento de Escolas Anselmo de Andrade.

"Aqui não há neve, está calor", afirmam Mikola (10 anos) e Kyрил (13), dois dos quatro netos acolhidos, juntamente com as duas filhas, por Kostyantín Sheplyakov, iconógrafo ucraniano a residir em Portugal há mais de duas décadas. "Quando saíram de Kharkiv ainda nevava e as temperaturas eram negativas. Chegaram em março a Almada, depois de dez dias de viagem muito difíceis". Como explica Marco Santos, diretor de turma de Kyрил, "os colegas têm feito um trabalho de integração absolutamente notável. Abraçaram-no por completo desde que ele chegou". A comunidade escolar – alunos, pais e professores – tem tido um papel fundamental neste processo. "Na aula de Cidadania a turma está a construir um dicionário de Português- Inglês-Ucraniano. É mais uma forma de integrar e de trabalharem todos para um mesmo objetivo".

Mergulhar no Atlântico pela primeira vez

Vlas, de 12 anos, foi o primeiro aluno ucraniano a ser integrado na Escola Básica 2/3 da Costa da Caparica. Saiu



"Dakuiu"
(ucraniano)
=
"Obrigado"
(português)



Os primos Kyril e Mikola estão integrados no Agrupamento de Escolas Anselmo de Andrade

com a família da sua cidade Natal – Bucha – poucos dias antes do massacre levado a cabo pelo exército russo que vitimou centenas de civis. "Senti uma grande ligação com esta família", partilha emocionada Teresa Santos, diretora do estabelecimento de ensino, recordando o momento em que apresentou Vlas à sua nova turma. "Quando cheguei à sala ia com lágrimas nos olhos. Os colegas foram muito afetuosos disseram-me: não chore professora, ele vai ser bem acolhido por nós".

Há uma evolução muito rápida na aprendizagem da língua, para a qual contribuem a convivência com a comunidade escolar e o empenho e foco demonstrados pelos jovens ucranianos.

Também os jovens Nazarii, de 14 anos (Kharkiv), Uliana, com 11 (Kiev), e os irmãos Sofiya, 13 e Demid, com 15 anos (Zaporizhyya), integraram turmas do 6.º ao 9.º ano, na Costa da Caparica, durante o mês de abril. Além da generosidade e carinho manifestados por quem os recebe, revelam que ver e mergulhar no mar, algo que muitos deles nunca tinham vivido, foi o que mais gostaram até ao momento.

Acompanhados, na sua maioria, pelas mães, alguns destes agregados monoparentais foram acolhidos por famílias do concelho, que assumiram o papel de tutores destas



A comunidade escolar tem tido um papel fundamental na integração das crianças e jovens ucranianos

crianças junto dos agrupamentos de escolas. Todos os alunos matriculados ao abrigo do pedido de Proteção Temporária, previsto na legislação, beneficiam de refeições gratuitas nos estabelecimentos de ensino que frequentam.

Até 18 de abril, Almada acolheu 669 cidadãos ucranianos forçados a abandonar o seu país depois da invasão russa. Os almadenses podem continuar a ajudar através da plataforma "Portugal for Ukraine" ou do e-mail sosucrania@cma.m-almada.pt disponibilizando acolhimento ou voluntariando-se para o apoio à aprendizagem da língua.

CORRE-MUNDOS

INCLUIR ATRAVÉS DA ARTE

Texto de Sandra Gomes
Fotografia de Anabela Luis

A migração é o tema central do projeto artístico e social “Corre-Mundos – Transformação Comunitária pela Art’Inclusiva”. Com participantes de diferentes latitudes, o objetivo é valorizar a multiculturalidade de quem habita Almada e tornar o concelho cada vez mais inclusivo.



“Tuntunhi” – expressão crioula que significa “dar muitas voltas” – é o título do espetáculo que será apresentado nos dias 28 e 29 de maio, no Cinetatro da Academia Almadense. Em palco, cerca de 20 participantes de Cabo-Verde, Venezuela, Brasil, Portugal, Angola e Guiné-Bissau, entre os 14 e os 70 anos, partilham as histórias e os laços culturais que os unem. Como explica Filipa Francisco, coreógrafa e coordenadora artística do projeto Corre-Mundos, o espetáculo pretende “unir as pessoas e partilhar valores como a tolerância, a convivência e a memória individual e coletiva”. Uma viagem inspiradora através das diferentes culturas que enriquecem o concelho.

Dinamizado pela Almada Mundo – Associação Internacional de Educação, Formação e Inovação, em parceria com 19 entidades do concelho, entre as quais a CMA, o projeto tem como objetivo fomentar a inclusão e o desenvolvimento pessoal, social e comunitário de migrantes ou descendentes de migrantes no concelho, através de um programa multidisciplinar que cruza a arte – dança, teatro, música e vídeo – e a liderança comunitária. “Em dezembro será apresentado um vídeo com os principais momentos do projeto Corre-Mundos”, revela a coordenadora artística.

Embaixadores num “território de muitos”

“Corre-Mundos” é um dos 16 projetos – de um total de 132 – financiados pela 1.ª edição do programa “Partis&Art for Change”, uma iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação La Caixa, que apoia projetos de arte participativa, desenvolvendo competências individuais e reforçando o sentimento de identidade e de pertença das comunidades.





Ensaio do espetáculo "Tuntunhi" na Escola Secundária do Monte de Caparica

Iniciado em janeiro de 2021 – com uma duração de dois anos –, o projeto desenvolve-se em três momentos: formação e capacitação – que decorreu na Escola Secundária Cacilhas-Tejo e no qual participaram migrantes da Índia, Espanha, Itália, Ucrânia, Rússia, China e Nepal –, criação de um espetáculo – inspirado nas histórias dos participantes e cujos ensaios decorrem na Escola Secundária do Monte de Caparica –, e liderança dos participantes através do desenvolvimento dos seus projetos – durante o segundo

semestre de 2022 –, tornando-os "embaixadores da sua cultura", sublinha Filipa Francisco.

Walter Menezes, 47 anos, gestor de empresas e filho de pais madeirenses, é um dos participantes. A situação económica da Venezuela obrigou-o a emigrar com a mulher. "Em outubro inscrevemo-nos num curso de português na Escola Secundária Cacilhas-Tejo, onde tivemos conhecimento do projeto. (...) É uma forma de interagir com pessoas da comunidade e aprender melhor a falar português".

Formada em Cinema, Lais Andrade, de 24 anos, confessa que "a temática das migrações faz parte da minha identidade". Nasceu no Brasil e, embora esteja em Portugal há 20 anos, quer manter vivas as suas raízes culturais. "Integrei o projeto, porque queria conhecer outras pessoas migrantes. Muitas vezes, as histórias das pessoas migrantes acabam por ser silenciadas. (...) É possível que faça algo profissionalmente a partir desta experiência".

"Já aprendi muitas coisas" conta o jovem cabo-verdiano Hélder Ramos. Com apenas 16 anos, veio da Ilha de Santiago para Portugal há três anos para prosseguir os tratamentos médicos necessários à sua recuperação, na sequência de uma crise de sonambulismo que o fez cair de um 2.º andar e o deixou com algumas limitações físicas. Apesar do incidente quase fatal que mudou a sua vida, Hélder é otimista. Os ensaios de dança dinamizados por Filipa Francisco – que conheceu através da Almada Mundo, onde frequenta o curso de Técnicas de Programação e Marketing Digital – tornaram possível voltar a fazer alguns movimentos e manter-se ativo, além "de conhecer outras pessoas e as diferentes culturas de cada um". Já para Fábio Soares, 34 anos, filho de pais cabo-verdianos, participar neste projeto como músico e performer é uma oportunidade de fazer o que realmente gosta "e, quem sabe, o início de uma carreira artística".



“SOMOS NÓS, OS SALVOS PELA MÚSICA”

A Revista Almada foi conversar com o cantor, compositor, autor, músico e produtor Diogo Piçarra, um dos nomes garantidos no cartaz da sétima edição d'O Sol da Caparica. Ficámos a saber mais sobre o seu percurso artístico, o significado que atribui à música e à língua, e ainda descobrimos que este será um mês de surpresas.

A música ocupa um lugar importante na sua vida.

Quer partilhar como nasceu este gosto pela música e como veio a tornar-se a sua profissão?

Foi uma paixão que foi surgindo aos poucos. O gosto surgiu já na juventude, entre o futebol, o skate e o skimming. Tinha 16 anos e quis ser igual aos meus ídolos. Comecei a ter aulas e o instrumento eleito foi a guitarra, que me "caiu" nas mãos. Tocava os acordes de ouvido e fui percebendo que a música me era natural. Contudo, chegas a um ponto que tens de ser tu a desbravar caminho, a aprender novas músicas, a formar bandas. Aliás, posso dizer que o saber fazer música foi uma descoberta em grupo. Aprendi muito mais na estrada, em meses de concursos de bandas, do que em anos de aulas. Graças a alguns concursos, principalmente o Ídolos, a música ganhou prioridade na minha vida. Não me vejo a fazer mais nada.

Saber utilizar a música como um instrumento de comunicação pode ser visto como um superpoder?

Nós, os músicos, às vezes somos os super-heróis, mas outras vezes, somos nós, os salvos pela música. Sim, às vezes é a música que me salva e o mesmo acontecerá com o público. Os músicos são o veículo de uma ideia, que pode ser muito boa ou má e por isso mesmo, vivemos um pouco à mercê do que nos surge. Podemos ter um momento alto da nossa carreira, porque tivemos uma "luz", tipo "eureka", mas podemos passar 5 ou mais anos numa busca longa. Portanto, tanto somos salvos pela música, como também somos reféns dela.



Quem são as suas maiores referências musicais?

Durante muitos anos fui influenciado por referências internacionais. Mas, decididamente, a música nacional cumpre um papel muito importante para mim. Bandas como os Ornatos Violeta ou Da Weasel fizeram-me escrever em português. São uma referência. Posso dizer que, para mim, o Manel Cruz dos Ornatos Violeta é um "Deus" da música e da escrita. Ah! E Fernando Pessoa. Acho que foi na escola que descobri a escrita, lendo e escrevendo versos.

A letra é importante...

Sem dúvida! A letra é o significado, a história. A letra é o principal da canção.

O que significa para si cantar e ouvir cantar em português?

Resulta de um ato natural de aprendizagem. Eu cresci em

Portugal e sempre ouvi cantar em português. Penso que a nossa música está no coração e não na cabeça. Eu sonho em português e respiro a minha língua. Se tentar escrever em espanhol ou em inglês, o processo passa a ser cerebral. Quando estou a cantar é como se estivesse a conversar.

E é uma boa conversa?

Claro que sim! Cantar pode ser uma boa conversa, uma aula, uma terapia. Pode ser uma missa, uma reza. Não sei...Varia de pessoa para pessoa.

O Sol da Caparica apresenta-se como o maior festival de verão dedicado à música de expressão portuguesa. Que valor

tem este posicionamento para um cantor português que canta na sua língua materna?

O que faço é mais do que trabalho. É algo mais profundo, porque sempre que canto, transporto a história do meu país. Este evento simboliza a junção de anos de história. A evolução da nossa diversidade linguística, do que se vive, do que se respira musicalmente neste país. O Sol da Caparica é como se fosse um organismo vivo, que mostra toda a atual mistura cultural. Vejo que as pessoas, de todas as idades, cada vez mais, querem ouvir cantar em português e gostam daquilo que é real. A realidade é o que se vive e vemos na rua. O cartaz do Festival Sol da Caparica não é postigo. Não é só de uma cor.

O que é que os fãs e festivaleiros podem esperar do concerto de dia 13 de agosto, no Parque Urbano da

Costa da Caparica?

Nesta edição, o concerto vai depender de músicas novas. Tenho surpresas preparadas e quero que elas apimentem, ainda mais, o concerto. Terei convidados especiais em palco. Será muito enérgico, "para cima"! A energia das pessoas é outra e tem de ser outra. Poderão dançar, pular e haverá calor humano.

Há novo disco este ano?

Posso dizer que trarei uma nova abordagem, com outra energia. Aliás, já não sentia esta energia musical desde 2017. Posso também revelar que há single novo já neste mês de maio.

CAPARICA SURF FEST

CONSAGRA CAMPEÕES EUROPEUS



© Carlos Valadas

Texto de Sandra Gomes
Fotografias de Carlos Valadas,
Luís Filipe Catarino e Vítor Mendes

Durante cinco dias, 185 atletas internacionais disputaram a prova do circuito europeu de qualificação da World Surf League, na Costa da Caparica.

A surfista olímpica portuguesa Teresa Bonvalot, que alcançou pela segunda vez o primeiro lugar nesta prova e o francês Maxime Huscenot, foram os vencedores do Caparica Surf Fest (CSF) que decorreu, entre 5 e 9 de abril, na Praia do Paraíso.

Após a cerimónia de entrega dos prémios, Teresa Bonvalot e Maxime Huscenot plantaram duas árvores no Bosque dos Campeões, junto à Av. 1º de Maio, na Costa da Caparica.

A Austrália é a próxima paragem para ambos os surfistas – campeões europeus de 2021/2022 –, onde vão competir nas provas de qualificação para o circuito mundial de surf de 2023.



TERESA BONVALOT / 22 anos

"Conheço a Caparica desde que comecei a surfar aos 9 anos. É a minha "casa" e tem um lugar especial no meu coração. Somos um país pequeno, mas tão grande, ao mesmo tempo, com ondas incríveis ao longo de toda a costa. (...) A minha primeira vitória [no CSF] foi muito especial e este ano revalidei o título, mas ainda tenho muitos objetivos pela frente. Quero continuar a surfar e a competir. (...) Para o ano cá estarei novamente".

MAXIME HUSCENOT / 29 anos

"Venho à Costa da Caparica desde os meus 14 anos. Adoro este local e tenho aqui vários amigos. (...) A Caparica tem vários tipos de ondas, o que é muito positivo pois permite praticar diferentes manobras. (...) O último dia de competição [no CSF] foi fantástico. Vim com vontade de ganhar, mas nunca sabemos o que pode acontecer, porque o nível é muito elevado. Foquei-me em obter bons resultados e alcancei a vitória nesta prova pela primeira vez".



© Luis Filipe Catarino



© Carlos Valadas



© Luis Filipe Catarino



© Carlos Valadas



© Victor Mendes



A MAGGIO, ALMADA CELEBRA IL CINEMA ITALIANO*

Texto de Inês Lopes
Fotografia de Luís Filipe Catarino

Durante quase todo o mês de maio, Almada recebe a 15.ª Festa do Cinema Italiano. Um evento dedicado à cinematografia transalpina e que celebra o melhor que a cultura italiana tem para oferecer.

Organizado pela Associação Il Sorpasso há já 15 anos, a Festa do Cinema Italiano volta a apresentar uma programação diversificada. O festival celebra desde filmes da nova geração de realizadores italianos, aos grandes nomes do mundo

cinematográfico, passando pelos clássicos da cinematografia transalpina. O festival começou em Lisboa durante o mês de abril, onde foram apresentados ao público filmes aclamados pela crítica internacional e com grandes sucessos de bilheteira em Itália. Este ano, o júri do festival, composto por Pilar del Río, Salvador Sobral e Leonor Teles, atribuiu a distinção de Melhor Filme à obra "Europa", de Haider Rashid. A festa continua agora em várias cidades do país, incluindo Almada. Stefano Savio, diretor da Festa do Cinema Italiano, aposta forte na programação de Almada, uma cidade que tem promovido o evento desde 2016. "Sempre tivemos uma boa adesão

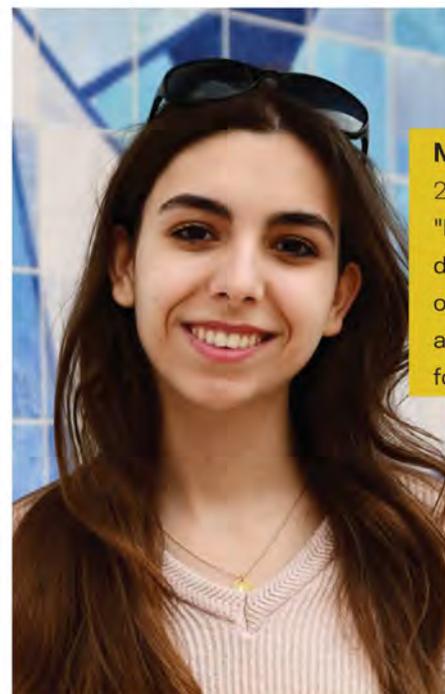
do público em Almada. Começou com poucas pessoas, mas depois, gradualmente, cativou-as. É uma cidade onde estamos a crescer e onde tentamos interagir mais com o público". A programação da 15.ª edição do festival, que passa por Almada entre os dias 4 e 25 de maio, no Auditório Fernando Lopes-Graça do Fórum Municipal Romeu Correia, é, conta Stefano Savio, bastante específica. "A programação é extremamente de autor. É uma programação exigente, onde todos os filmes se distinguem por diferentes características. Queremos despertar a curiosidade dos espetadores para um tipo de cinema claramente diferente".

São, ao todo, cinco filmes, dos quais dois pertencem ao ciclo de Cinema de Pier Paolo Pasolini, o autor e realizador homenageado nesta edição, no ano do centenário do seu nascimento. "Pasolini foi provavelmente uma das maiores figuras intelectuais do século XX. É um cinema muito interessante que claramente junta o lado político fortíssimo com um lado estético, proveniente de toda a cultura gigantesca de Pasolini, e que se unem nestes filmes. É um autor incontornável!" Almada terá a oportunidade de assistir a dois grandes filmes de Pier Paolo Pasolini, *Rei Édipo* (dia 11 de maio) e *Comícios de Amor* (18 de maio). Os espetadores podem ainda esperar duas grandes obras de autores de referência do cinema italiano, como Futura, *Ou A Que Está Por Vir*, de Pietro Marcello, Francesco Munzi e Alice Rohrwacher (4 de maio), um documentário que explora a juventude e as diferentes gerações de italianos. Das *Profundezas*, de Michelangelo Frammartino (25 de maio), um filme de experiência sensorial, para ser visto em sala pela grande qualidade de imagem e, por fim, a fechar a Festa do Cinema Italiano em Almada, será ainda exibido o filme *Um beijo*, de Ivan Cotroneo (25 de maio), numa sessão especial para as escolas.

* - Em maio, Almada celebra o cinema italiano

Ser jovem é acreditar num futuro melhor, mais igualitário e sustentado. Neste mês de maio, cinco jovens almadenses contam as suas experiências, sonhos e objetivos na construção de um mundo melhor.

Texto de Inês Lopes
Fotografias de Anabela Luís e Pedro Guedes



MARGARIDA RIBEIRO

20 ANOS / CHARNECA

"Das memórias mais marcantes que tenho da época de escola, acho que foram sempre os meus professores. Principalmente aqueles que investiram em nós e que nos foram dando bases para o futuro"



ANDRÉ SALVADOR

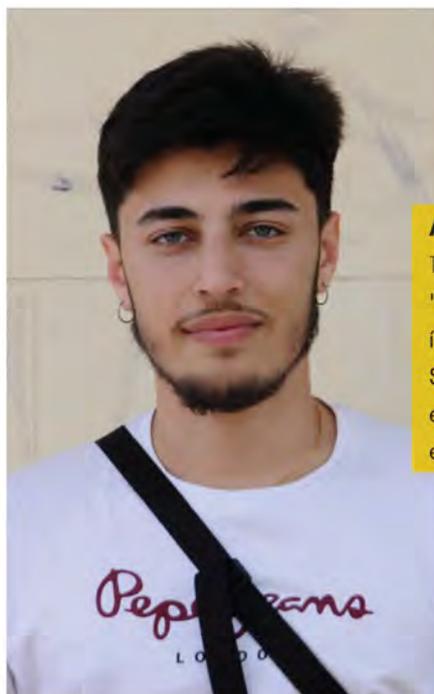
21 ANOS / PRAGAL

"Eu gosto de Almada. Não me vejo a viver noutra local e sinto que a cidade está cada vez melhor, sempre a inovar e a investir"

CATARINA CARDOSO

21 ANOS / FEIJÓ

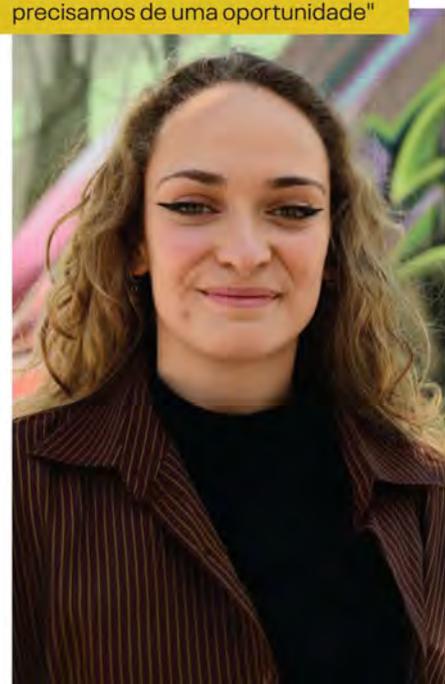
"Às vezes não levam tanto a sério as nossas propostas, porque esperam que tenhamos experiência quando na realidade acabámos de chegar ao mercado de trabalho. Somos a geração mais bem preparada, só precisamos de uma oportunidade"



AFONSO NUNES

18 ANOS / COSTA DA CAPARICA

"Quando andava na escola da Costa, íamos todos brincar para o parque de Santo António durante as horas de almoço e fazer grandes torneios de Futebol que eram sempre uma grande diversão"



TÂNIA ANDRADE

19 ANOS / CAPARICA

"Almada é um sítio calmo, de segurança, bom para viver. Tem vários espaços verdes, praia e sítios para as crianças brincarem e crescerem em segurança. São sítios onde se podem fazer memórias".





Rua Romeu Correia, Almada

A HISTÓRIA NAS HISTÓRIAS DE NUNO SARAIVA

Em frente ao terminal fluvial de Cacilhas, já a meio da manhã, há quem ainda se apresse para apanhar o cacilheiro. Em sentido contrário vem Nuno Saraiva, autor de BD, ilustrador e cartunista almadense, que vem de Lisboa para nos guiar pela Almada que cresceu pelas mãos dos avós e bisavós e que o viu crescer a ele.

Começamos pelo fim da viagem, na praça Jornal de Almada – na altura, um bairro operário habitado por "pessoal com vidas muito difíceis" – nos anos em que a rebeldia, a vontade de "querer saltar a cerca, as primeiras namoradas, as cegadas, as situações complicadas com a polícia, os pequenos furtos, que os fiz [risos]", marcavam a adolescência de Nuno, no início dos anos 80.

As pancadarias de bairro, motivadas pelas rivalidades de rua, também aconteciam. Num jogo de "dá e leva", eram encontros que deixavam marcas, não só no corpo, mas também na memória. Uma dessas lutas acabou por descambar numa cena mais feia, já não de rapazes rebeldes, mas de adultos, com os patriarcas do bairro a meterem-se ao barulho.

Marcou-o o encontro com o escritor e pugilista (na altura, já retirado) Romeu Correia, na casa do próprio, onde tinha ido "acartar baldes" para fazer algum dinheiro. Vendo-lhe as marcas da luta na cara, deu-lhe uma "aula" de como se defender ou como aplicar "um bom gancho".

"O homem que me estava ali a pôr luvas nas mãos e a ensinar a dar murros era o autêntico Romeu Correia", o mesmo que dava o nome à rua onde fora fazer o trabalho. "Mais do que ensinar golpes, ensinou-me que a brutalidade pode estar casada com a poesia. Achei deslumbrante como é que um homem mesmo forte fisicamente era, ao mesmo tempo, um ser sensível, um intelectual, um resistente. Isso marcou-me para sempre."

Estudou na Emídio Navarro, na altura uma escola profissional especializada em metalurgia. Dava-lhe jeito a proximidade de casa, na Rua Luís de Queiroz, a última residência em Almada, antes de partir para Lisboa. Aqui, recorda o perfume da cerveja que o pai, Fernando Saraiva, lhe permitia cheirar quando visitavam o café Tico-Tico, nesta que era uma das ruas com o comércio mais vibrante de Almada.



Escola Secundária Emídio Navarro

Continuamos a viagem às arrecuas, já para a infância de Nuno Saraiva. Entramos na Praça do M.F.A., antiga Praça da Renovação. "Os estudantes, os intelectuais, as famílias, os velhinhos, toda a gente confluía" nesta Praça no final dos anos 1970, onde se encontravam duas pastelarias que marcavam o espaço com as suas longas esplanadas. O Dragão Vermelho – uma pastelaria muito bem decorada onde o levava a mãe, Maria José Avelar –, e o Café Central, "o coração desta zona de Almada", onde aprendeu a gostar de snooker e bilhar com o pai.

É também nesta Praça que encontramos a tabacaria mais importante na vida de Nuno Saraiva que, apesar de diferente, ainda hoje lá está. "É graças a esta tabacaria que sou autor de banda desenhada. Desde criança que vinha aqui comprar a revista *Tintin*, a *Spirou*...

Ainda hoje sonho com este sítio, onde vou comprar revistas que me faltam e bandas desenhadas que nunca li, que nunca foram feitas". Foi o pai, ávido leitor de banda desenhada, quem lhe despertou o gosto pela BD, comprando revistas.

Passamos pela Avenida D. João I, onde Nuno Saraiva nos fala da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, desenhada pelos então jovens arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas. Uma igreja de traço modernista, uma das primeiras do mundo e que foi "uma pedra no charco em Portugal". Em betão armado e cheia de arestas, esta igreja, inaugurada em 1969, foi um "ato revolucionário que marcou a identidade da cidade". Fazem parte da infância de Nuno, os jardins à volta da Igreja. Aqui, encontramos o



Largo José Alaíz, Almada

painel de azulejos de Manuel Cargaleiro, na altura um jovem artista que não era tolerado pelo regime de Salazar, mas que foi escolhido pelos arquitetos para decorar o jardim.

Continuamos caminho pela Rua Mendo Gomes de Seabra, onde Nuno Saraiva viveu em criança e percorremos a Rua Capitão Leitão, a "espinha dorsal" da infância do ilustrador. É aqui que Nuno nos fala mais da sua família. É filho de

O facto das duas serem politicamente antagónicas "fazia-me pensar que era filho do Romeu e da Julieta"

"duas famílias fortes de Almada, que se calhar só os muito antigos é que lembram". O facto das duas serem politicamente antagónicas "fazia-me pensar que era filho do Romeu e da Julieta. O meu avô paterno, Manuel Fernandes Saraiva, era despachante oficial, um homem do regime de Salazar. O meu bisavô materno, José Francisco de Avelar, estava ligado à construção civil e foi um dos principais responsáveis pela edificação da Capitão Leitão, pelos edifícios baixos, de dois andares. Era do

Partido Comunista, na altura em que era corajoso ser-se deste partido. Ainda durante a primeira República, chegou a ser vereador da Câmara Municipal de Almada". Esta dualidade revelou-se importante para o ilustrador, "o facto de vir dos dois lados, faz-me ficar a meio e pensar nas margens."

No Largo José Alaíz, o "epicentro da história da família Avelar" o ilustrador recorda as "memórias tenebrosas



LEGENDAS:

- 1 – Incrível Almadense, Rua Capitão Leitão
- 2 – Painel de Azulejos de Manuel Cargaleiro, Jardim Dr. Alberto Araújo
- 3 – Ermida de S. Sebastião, na junção da Rua Capitão Leitão e Rua dos Espatários
- 4 – Tabacaria e Papelaria Arcada, praça MFA (Movimento das Forças Armadas)

do fascismo" na infância da mãe. "Chegaram a rebentar as portas de casa com rajadas de metralhadora para tentarem capturar os tios, do PC, que viviam na clandestinidade". Histórias que contavam na família e que foram fascinando Nuno, nascendo o gosto pela história política contemporânea, muito visível no seu trabalho enquanto cartunista político. "Há uma necessidade de olharmos para trás e irmos à memória do nosso passado mais recente. Isso é um cavalo de batalha do meu trabalho, alertar para a falta de valores que começa a sentir-se". Mas, nem todas as histórias eram tristes. Neste Largo, o tio-avô, José Avelar,

que tinha um projetor de cinema com bobinas, "fazia sessões de cinema na rua para as crianças. Uma cena mesmo muito *Cinema Paraíso*".

"Ainda hoje sonho com este sítio, onde vou comprar revistas que me faltam e bandas desenhadas que nunca li"

Quiçá tenha sido do tio-avô, uma figura familiar que não chegou a conhecer, que Nuno herdou a paixão pelo cinema. Uma paixão que deve "aos almadenses das gerações anteriores quando criaram

clubes desportivos, associações, sociedades filarmónicas que trouxeram o cinema à cidade de Almada", num tempo em que "a palavra 'almadense' confundia-se com a palavra sócio. Todos os almadenses eram sócios de alguma coisa". Os dois lados da família de Nuno estiveram muito ligados ao associativismo, participando na fundação das várias coletividades da zona, entre as quais as centenárias Academia Almadense e Incrível Almadense.

Nuno era, ele próprio, sócio das várias associações, tendo o privilégio de viver "entre cinemas". Chegava a ver três filmes por dia. Bons ou maus, via tudo.

"É algo que tem que ver com o meu perfil criativo, de artista. O facto de o cinema ter estado tão presente na minha infância." Os próprios almadenses sempre tiveram uma relação próxima com a sétima arte. "Estas salas [da Academia e da Incrível] eram salas com centenas de lugares e estavam sempre cheias. Quando surgia um *blockbuster*, como os *Salteadores da Arca-perdida* ou *A Guerra das Estrelas*, tínhamos de vir uma semana antes comprar bilhetes. Estava sempre tudo esgotado."

Ainda na rua vemos uma das igrejas mais antigas de Almada, a Ermida de São Sebastião. Uma ermida que, antes da sua reabilitação, servia como taberna, mesmo em ruínas – o edifício sofreu danos com o terramoto de 1755, tendo sido abandonada no início do séc. XX – e com o cemitério nas traseiras a descoberto. Depois de visitar a papelaria da rua que tinha os melhores cromos da cidade, Nuno entrava na

taberna com o pai que lhe dizia "já viste, isto é uma igreja, transformada em taberna, e estamos aqui a olhar para o tetravô de alguém", uma visão que o aterrava em criança.

"a palavra 'almadense' confundia-se com a palavra sócio. Todos os almadenses eram sócios de alguma coisa"

Não deixamos a Capitão Leitão sem falarmos de Almada Velha, da Almada seiscentista, onde segundo reza a história se congeminou parte da revolta contra os espanhóis que ditou a independência de Portugal, em 1640.

Já no fim desta visita guiada que, na verdade, foi o seu princípio, passamos pela Rua Cândido dos Reis, onde Nuno Saraiva nos dá mais apontamentos históricos, lembrando o destino

trágico do Almirante que se suicidou ao engano, na manhã de 5 de outubro, a pensar que a revolução republicana tinha falhado. "Só que em Almada, uma cidade que esteve sempre intrigada face ao poder, a República é proclamada logo no dia 4 de outubro, onde a bandeira verde e vermelha é hasteada na velhinha Câmara Municipal [Largo Luís de Camões]".

Por fim, paramos em frente à Igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Neste local, o ilustrador fala-nos sobre a lenda que o fascinava quando era miúdo, quando a imagem da Nossa Senhora foi levada até às margens do Tejo, depois do terramoto de 1755, fazendo com que as águas do rio, que ameaçavam invadir Cacilhas, recuassem.

Tal como a Nossa Senhora, Nuno Saraiva virou-se para o Tejo, não para repelir as águas, mas para avançar para novos caminhos, "sempre com Almada no coração".



Rua Cândido dos Reis, Cacilhas

PARQUE URBANO
**COSTA DA
CAPARICA**

O SOL DA CAPARICA

FESTIVAL 22

11
12
13
14
15
AGO
2022

NOVAS CONFIRMAÇÕES

DIA 11 QUINTA

**PURO ROCK
VIRGUL**

PALCO ELETRÓNICO

**DIEGO
MIRANDA**

PALCO COMÉDIA

MIGUEL NEVES

DIA 14 DOMINGO

**BATEU MATOU
CONIUNTO CUCA MONGA
DYNAMO
GABILY
MISHLAWI**

PALCO ELETRÓNICO

**KURA
KEVU
VUDDU**

DIA 12 SEXTA

**ALCOOLÉMIA
HMB
MANINHO
MÃO MORTA
NOWHERE TO BE FOUND
RUI ORLANDO**

PALCO ELETRÓNICO

**DANNI GATO
HUGO TABACO**

PALCO COMÉDIA

IOÃO PINTO

**MAIS ARTISTAS
A ANUNCIAR
BREVEMENTE!**

DIA 13 SÁBADO

KADY E AMIGOS

PALCO ELETRÓNICO

**KARETUS
AFROKILLERZ
OLGA RYAZANOVA
ZULLU**

PALCO COMÉDIA

VASCO ELVAS

DIA 15 SEGUNDA

**BONGA E CONVIDADOS
CARLÃO
JOSÉ CID
PAPILLON
VADO MÁS KI ÁS
YURI NR5**

PALCO ELETRÓNICO

**DIEFF
VANCO**

PALCO COMÉDIA

RUI XARÁ

Bilhetes à venda em
www.festicket.com | www.blueticket.meo.pt
e nos locais habituais

ORGANIZAÇÃO
E PRODUÇÃO

CMA
CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA

Ghiado
Group

PATROCINADOR

KAVI

**SUPER
BOCK**

PARCEIROS

CULTURA

**SMAS
ALMADA**
Serviço Público Municipal de Espectáculos

WeMob
Estratégia de Marketing, Lda

BaixoTejo
Associação de Municípios do Baixo Tejo

PARCEIROS
MÉDIA

RFM

RTP

RDP ÁFRICA

DN

**O Jornal
Económico**

MTV

**AFRO
MUSIC**
channel

**GLOOM
channel**

M|6